

Capítulo IV

O Brasil antropológico e étnico

Raymundo Nina Rodrigues

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

RODRIGUES, R. N. O Brasil antropológico e étnico. In: *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2011, pp. 31-42. ISBN: 978-85-7982-075-5. <https://doi.org/10.7476/9788579820755.0005>.



This work is free of known copyright restrictions. <http://creativecommons.org/publicdomain/mark/1.0/>

Este trabalho está livre de restrições de direito de autor e/ou de direitos conexos conhecidas.
<http://creativecommons.org/publicdomain/mark/1.0/>

Esta obra está libre de restricciones conocidas de derechos autorales. <http://creativecommons.org/publicdomain/mark/1.0/>

CAPÍTULO IV

O BRASIL ANTROPOLÓGICO E ÉTNICO

Sumário – Elementos antropológicos da população brasileira; raças puras, mestiços. Composição étnica do povo brasileiro: divisão étnica do país em quatro grandes zonas ou regiões. Caracteres físicos e climatológicos dessas regiões.

No ponto de vista histórico e social penso com o Dr. Sylvio Romero: todo brasileiro é mestiço, se não no sangue, pelo menos nas ideias.

Mas, no ponto de vista do direito penal, que ora nos ocupa, faz-se preciso considerar, no povo brasileiro, todos os elementos antropológicos distintos, como que ele atualmente se compõe.

I. *A prima face*, pode-se distinguir na população brasileira atual uma grande maioria de mestiços em graus muito variados de cruzamento, e uma minoria de elementos antropológicos puros¹ não cruzados. Estes compreendem:

a) a raça branca, representada pelos brancos, crioulos não mesclados e pelos europeus, ou de raça latina, principalmente portugueses e hoje italianos em São Paulo, Minas, etc., ou de raça germânica, os teuto-brasileiros do sul da república;

b) a raça negra, representada pelos poucos africanos ainda existentes no Brasil, principalmente neste estado, e pelos negros crioulos não mesclados;

c) a raça vermelha, ou indígena, representada pelo brasílio-guarani selvagem que ainda vagueia nas florestas dos grandes estados do oeste e extremo norte, assim como em alguns pontos de outros estados, tais como Bahia, São Paulo, Maranhão, etc., e pelos seus descendentes civilizados, mais raros e só observados nos pontos vizinhos dos recessos a que se tem refugiado os selvagens.

¹ O termo puro tem aqui apenas um valor relativo o se opõe tão somente ao mestiçamento que assistimos.

Por seu turno, os mestiços brasileiros carecem de unidade antropológica e também podem ser distribuídos por um número variável de classes; ou grupos.²

Os mestiços compreendem:

1° os mulatos, produto do cruzamento do branco com o negro, grupo muito numeroso, constituindo quase toda a população de certas regiões do país, e divisível em: a) mulatos dos primeiros sangues; b) mulatos claros, de retorno à raça branca e que ameaçam absorvê-la de todo; c) mulatos escuros, cabras, produto de retorno à raça negra, uns quase completamente confundidos com os negros crioulos, outros de mais fácil distinção ainda;

2° os mamelucos ou caboclos, produto do cruzamento do branco com o índio, muito numerosos em certas regiões, na Amazônia por exemplo, onde, *ad instar* do que fiz com os mulatos, se poderá talvez admitir três grupos diferentes. Aqui na Bahia, basta dividi-los em dois grupos: dos mamelucos que se aproximam e se confundem com a raça branca, e dos verdadeiros caboclos, mestiços dos primeiros sangues, cada vez mais raros entre nós;

3° os curibocas ou cafuzos, produto do cruzamento do negro com o índio. Este mestiço é extremamente raro na população da capital. Creio seja mais frequente em alguns pontos do estado e muito frequente em certas regiões do país, na Amazônia ainda;

4° os pardos, produto do cruzamento das três raças e proveniente principalmente do cruzamento do mulato com o índio, ou com os mamelucos caboclos.

Este mestiço, que, no caso de uma mistura equivalente das três raças, devia ser o produto brasileiro por excelência, é muito mais numeroso do que realmente se supõe. Pretendo demonstrar em trabalho ulterior que, mesmo naquele ponto em que predominou o cruzamento luso-africano, como na Bahia, os caracteres antropológicos do índio se revelam a cada passo nos mestiços.

II. O modo por que estes diversos elementos antropológicos se ajustam e se combinam para formar a população brasileira é extremamente variável nas diversas zonas ou centros de população do país.

² Não há nos autores uniformidade nas denominações dadas às diversas espécies de mestiços brasileiros.

Que devia ser assim, basta refletir: 1° na desigualdade com que, nos tempos coloniais, a população branca foi distribuída pelo extenso território, em pequenos núcleos afastados e independentes uns dos outros; 2° em que, tendo com a independência cessado quase completamente a imigração portuguesa, ao encetar-se de novo, já agora com os italianos e alemães, procurou ela de preferência certas regiões do país, com exclusão de outras; 3° em que não só foi desigual a distribuição pelo país do negro importado com o tráfico, como também de um modo desigual foi o índio repellido ou destruído pelos invasores.

Assim, a princípio, os portugueses – raça branca pura – acharam-se em face do índio – raça vermelha pura –, mas quando o índio começou a recuar ante a invasão europeia, os invasores já não eram só portugueses, mas brancos e mamelucos.

A raça negra – que, embora dominada e como instrumento da raça branca, invadiu por sua vez o país e ajudou o branco a repellar o índio – achou-se em face do branco, do índio e dos seus mestiços, e cruzou com todos. Mas evidentemente se em certos pontos ainda pude cruzar fácil e diretamente com o índio, em outros só o pode fazer com os brancos e os mamelucos, porque, há muito, o índio tinha fugido ou desaparecido.

Cessou primeiro a imigração portuguesa, os brancos ficaram em minoria em face dos negros importados com o tráfico e dos mestiços, que aumentavam pelo contínuo e incessante cruzamento.

Cessou, por sua vez, a imigração africana, toda em favor do mestiçamento, que continuava e continua a crescer.

A situação atual é a seguinte.

Em certos estados, todo o litoral do norte, da Bahia inclusive ao Pará exclusive, as raças puras ameaçam desaparecer ou diluir-se no mestiçamento. O índio fugiu ou extinguiu-se, os africanos não são mais importados, imigração europeia não existe.

Com certeza ainda há muito branco e muito negro, mas sempre em minoria em relação aos mestiços. E como o mestiçamento, mediato e imediato, continua em larga escala, como por outro lado nada limita ou circunscreve a reprodução das raças puras entre si, a consequência é que num futuro mais ou menos remoto se terão elas diluído de todo no cruzamento mestiço.

Até não há muitos anos, não havia motivo para deixar de estender esta zona até São Paulo inclusive. No entanto, a grande corrente imigratória que despeja agora todos os anos, em São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas, um número avultado de brancos europeus, especialmente italianos e portugueses, tende evidentemente a tornar à composição étnica precedente, para a qual a imigração europeia é nula. E no cruzamento com o negro o mestiço luso-africano ali terá de deixar espaço ao cruzamento ítalo-africano.

No extremo sul, a imigração europeia – e aí figura preponderantemente o alemão –, junta a condições especiais da região, fez já predominar a raça branca, ou sob a forma de uma maioria de brancos crioulos não mesclados, ou de pardos com fraca dose de sangue africano e índio, recebido em adiantada diluição.

O Rio Grande do Sul é tipo desta região.

Do Rio Grande do Sul, escreveu o Dr. Sylvio Romero (*Estudos de literatura contemporânea*, Rio de Janeiro, 1885), o índio quase tem desaparecido, mas ali o branco predomina. A mestiçagem com o negro é escassa e com o índio ainda mais. Esta província será sempre uma exceção etimológica em nosso país.

No extremo norte – na Amazônia e nos estados do oeste –, o sangue africano, recebido já em diluição mestiça, vai diminuir em face do cruzamento do branco, ou dos mestiços com o índio, que predomina nesta região.

Pondo em balanço, a influência do negro e do índio, escreve ainda o mesmo autor, sou levado pelos fatos a dar a predominância aquele contra este. No Brasil, só as extremas terras das fronteiras é que abrem uma exceção. São as províncias pouco povoadas do alto do norte, onde o índio campeia ainda inútil e donde será expelido logo que o branco e o negro ali penetrem amplamente. É o caso do Amazonas, Mato Grosso, Paraná, e até certo ponto Goiás e Pará.

Admitindo, como admito, a população brasileira assim dividida em grupos étnicos distintos, consoantes com as proporções variáveis em que entraram em sua composição as três raças puras, afasto-me definitivamente do Dr. Sylvio Romero, a cujos importantes trabalhos na espécie devo ensinar-vos a render o devido e merecido preito.

Não acredito na unidade ou quase unidade étnica, presente ou futura, da população brasileira, admitida pelo Dr. Sylvio Romero: não acredito na

futura extensão do mestiço luso-africano a todo o território do país: considero pouco provável que a raça branca consiga fazer predominar o seu tipo em toda a população brasileira.

Este ponto tem um valor particular na questão médico-legal que ora explano, como vereis em tempo. Merece, pois examinado a fundo.

Minha afirmação fora esta, escreveu o Dr. Sylvio Romero (*Estudos de literatura contemporânea*, Rio, 1885): no Brasil a maior parte da população é de mestiços; entre estes, no corpo colonizado de nosso solo, predomina a mestiçagem áfrico-lusitana, e é uma exceção apenas a região das fronteiras do alto norte e do extremo ocidente.

Atendendo ao incremento da imigração ítalo-germânica, escreveu mais recentemente (*História da literatura brasileira*, Rio de Janeiro, 1890):

Sabe-se que, na mestiçagem, a seleção natural ao cabo de algumas gerações, faz prevalecer o tipo raça mais numerosa, e entre nós, das raças puras a mais numerosa, pela imigração europeia, tem sido, e tende ainda mais a sê-lo, a branca. Os mananciais negros e caboclos estão estancados, ao passo que a imigração portuguesa perdura e a ela vieram juntar-se a italiana e a alemã. O futuro povo brasileiro será uma mescla áfrico-indiana e latino-germânica, provavelmente, se perdurar, como é provável, a imigração alemã.

O seu número (dos brancos) tende a aumentar, ao passo que os índios e os negros puros tendem a diminuir. Desaparecerão num futuro não muito remoto, consumidos na luta que lhes movem os outros, ou desfigurados pelo cruzamento. O mestiço, que é a genuína formação histórica brasileira, ficará só diante do branco puro, com o qual se há de, mais cedo ou mais tarde, confundir.

Ao passo que a descrição da população brasileira, dada nestas linhas pelo Dr. Sylvio Romero, refere-se claramente à primeira das nossas regiões, de fato as suas previsões só se poderiam realizar na segunda. E isto mostra ainda quão pouco uniforme etimologicamente é e será o Brasil.

Analisemos, pois, essas regiões uma a uma.

Na primeira região, a do litoral do norte da Bahia ao Maranhão, predomina realmente a mestiçagem luso-africana ligeiramente indígena: mais africana no sul, mais indígena no norte.

Aí o índio quase desapareceu de todo, e é possível que, num futuro muito remoto, os seus traços venham também a desaparecer da mestiçagem.

Mas não vejo razão para se acreditar que o futuro há de pertencer aqui ao branco e não ao mulato.

Esta opinião do Dr. Sylvio Romero funda-se em duas suposições contestáveis e contrárias de todo o ponto a uma observação imparcial dos fatos.

A primeira é da persistência da imigração europeia para o norte; a segunda é a da futura extinção da raça negra nesta zona. O Dr. Sylvio Romero acredita na possibilidade da imigração europeia para o norte do Brasil, afirmando “que o clima do país é todo apto a colonização”.

Mas é o próprio autor quem nos faz uma descrição vigorosa dos rigores e inclemências do clima brasileiro no norte e termina com estas considerações que menos relativa, de aclimamento para a raça branca:

Quem sabe até onde um dia chegará entre nós a ação do clima? Só os séculos futuros poderão dizê-lo. Esse influxo determina-se empiricamente pelos resultados contraditórios a que frações de uma mesma raça chegaram em regiões diversas. Que distância entre os arianos da Itália e da Grécia e os da Índia. Aqui o calor produziu todos estes terríveis efeitos eloquentemente assinalados por H. Taine.

E acrescenta:

Eis aí a que ficou reduzida pelo clima da Índia a raça mais progressista e inteligente da Terra. Se o nosso elo não é tão despota, não deixa de sê-lo também até certo ponto. Conjuremos sempre por novas levas de imigrantes europeus a extenuação do nosso povo: e conjuremo-la por meio de todos os grandes recursos da ciência.

Destes preceitos, conclui-se facilmente que o autor não confia na expansão demográfica da raça branca abandonada aos seus próprios recursos, propondo esse trabalho impossível da sua conservação por meios artificiais da ordem das estufas nos climas frios, ao lado de incessante renovação do sangue.

Ele afirma mais positivamente ainda: “O mestiço é a condição da vitória do branco, fortificando-lhe o sangue para habilitá-lo aos rigores do nosso clima”.

Ora, acaso a raça branca precisa desses recursos, carece do auxílio do mulato para adaptar-se, para desenvolver-se no sul da república?

É o Dr. Sylvio Romero quem responde:

Se o não fizerem (a distribuição dos imigrantes por igual), as três províncias do extremo sul terão em futuro não muito remoto, um tão grande excedente de população germânica, válida e poderosa, que a sua independência será inevitável.

Nestas condições acho difícil não reconhecer que a imigração branca, há muito extinta para o norte do Brasil, não tem grandes probabilidades de se restabelecer. E nisto vejo antes uma consequência natural das condições do país do que erros de administração possíveis de corrigir-se. Não se pode considerar imigração a entrada de um pequeno número de estrangeiros que procuram as principais cidades dos estados, em busca do nosso comércio.

Por outro lado, não descubro as causas da suposta extinção futura da raça negra no norte do Brasil.

Tomarei ao Dr. Sylvio Romero a declaração formal da sua perfeita adaptação ao nosso clima.

O negro, diz ele (*loc. cit.*), é adaptável ao meio americano; é susceptível de aprender; não tem as desconfianças do índio; pode viver ao lado do branco, aliar-se a ele. Temos hoje muitos pretos que sabem ler e escrever: alguns formados em direito, em medicina, ou engenharia; alguns comerciantes e ricos; outros jornalistas e oradores. Ao negro devemos muito mais do que ao índio; ele entra em larga parte em todas as manifestações de nossa atividade. Cruzou muito mais com o branco.

É ainda o Dr. Sylvio Romero quem nos ensina, até certo ponto de acordo com Orgeas, que em contacto com o branco, o negro não se civiliza, mas também não se extingue.

É sabido, diz ele, que os povos selvagens postos em relação com raças civilizadas, ou civilizam-se, o que é raro, ou extinguem-se, o que é a regra geral. O negro tem desmentido a lei histórica!

É exato que os numerosos milhões de africanos introduzidos pelo tráfico sofreram uma redução extraordinária. Mas não foi isso obra do clima, ou de uma incapacidade de adaptação, mas tão somente efeitos da escravidão. “As pestes e as guerras fizeram aos índios, disse o autor com muita razão, o que os trabalhos forçados fizeram aos africanos”.

Mas a escravidão desapareceu do Brasil.

Temos, pois, que nesta primeira região, das duas raças puras ainda existentes – e que parecem entregues definitivamente à sua sorte sem poder contar muito com o auxílio de novas imigrações – uma, a negra, é perfeitamente adaptável; a outra, a branca, é de uma adaptação mais difícil.

Ora, como nestas condições a raça que tende a predominar é a mais adaptável, o receio deve ser que a reversão à raça pura não seja em favor da raça negra. E, na melhor hipótese, quando se queira contar em favor mais que se pode esperar é que ela venha a da raça branca a sua civilização superior, o cruzar largamente com o negro, dando os mestiços estáveis em que o Dr. Sylvio Romero vê a condição da resistência da raça branca aos rigores do nosso clima.

Este mestiço será forçosamente o mulato, ou quando muito o pardo com uma dose mínima do sangue indígena.

Toda diferente é a condição das duas zonas seguintes, a do centro – São Paulo, Minas, Rio de Janeiro – e a do extremo sul.

Comparando-se o norte e o sul do país, nota-se já um certo desequilíbrio que vai tendo consequências econômicas e políticas: ao passo que o norte há sido erroneamente afastado da imigração, vai esta superabundando no sul, introduzindo os novos elementos – italianos e alemão –, fato que vai cavando entre as duas grandes regiões do país um valor profundo, já de si preparado pela diferença dos climas.

Aqui são de todo ponto justas e razoáveis as previsões de um predomínio futuro da raça branca, embora ligeiramente mesclada, não só porque a imigração está-lhe dando o predomínio numérico, como porque aqui o branco não precisa do negro para se aclimar.

A distinção etnológica que estabeleço entre as duas regiões do sul procura o seu fundamento natural em que, no extremo sul, o elemento negro é muito insignificante e predomina o elemento germânico; no centro, o negro é numeroso e predomina a imigração ítalo-portuguesa.

Julgo inadmissível igualmente que a população da nossa quarta e última região – Amazônia e estados ocidentais – possa vir a ter uma composição étnica igual a qualquer das precedentes, assim como que a eliminação do índio venha a se fazer aí em favor do mestiço luso-africano.

O negro é muito mais raro no Amazonas do que o supunha o Dr. Sylvio Romero. Afirma uma competência indiscutível, o Sr. José Veríssimo.

Ao influxo destas duas principais variedades (tapuio e caboclo), que em rigor raças não são, escrevia este autor em 1885 (*Cenas da vida amazônica*, Lisboa, 1887), sujeitaram-se sem relutância, nem exceção, os demais mestiços não só da mesma origem, como de proveniência africana (mulatos, cafuzos e suas variedades). Na pouca importância numérica do elemento negro na Amazônia está a razão disto. Esta região, com efeito, foi das menos povoadas por negros, e hoje é raríssimo encontrar africanos nas duas províncias, principalmente fora das capitais. Em uma população de cerca de quinhentos mil habitantes não havia mais de vinte e oito mil escravos, o que, relativamente a outras províncias do Brasil, é pouco. Porém, entre esses escravos mesmo encontra-se um crescido número de mestiços da raça indígena, como os cafuzos e os impropriamente chamados curibocas, e até tipos claros a ponto de se confundirem com os mamelucos, o que se pode explicar por cruzamentos deste tipo com mestiços de origem africana, onde ele predominou ou em que se deu o atavismo do branco. Do estudo da língua, das crenças e das tradições populares aqui, ressalta em toda a evidência a inferioridade desse elemento e a supremacia das raças indígenas.

Isto tudo prova, parece-me, que o elemento que nos veio escravizado da África, o qual tanto concorreu para o nosso progresso material e para a nossa degradação moral, foi suplantado no vale do Amazonas pelo indígena, cuja língua aqui levou de muito a melhor na luta que travou com a dele, o que não aconteceu sempre no sul, não só com a deste, como com a portuguesa, obrigada a aceitar em boa copia materiais africanos. Lá também esta influência é sensível sobre as crenças vulgares e os costumes, o que se não dá na Amazônia, onde todas as feições do espírito popular ressentem-se da influência indigna mais porventura (tendo em conta sempre a relatividade das coisas) do que da portuguesa.

Não quero fechar este capítulo sem notar – e isto ajudará talvez a explicar a insignificância apontada do elemento africano –, que entre estes e seus descendentes e os daqueles existe, se não ódio, ao menos uma animosidade para a qual não pude até agora achar explicação satisfatória.

Não será, portanto, o branco quem há de provavelmente desalojar o índio, porque o clima que já impede a imigração europeia para o norte, não deixará de fazê-lo para o Pará e o Amazonas.

Também não será o negro, porque não só está estancada a fonte da imigração africana, mas os negros, que possuímos, acham-se localizados e em pleno mestiçamento.

Provavelmente à população mestiça está reservada a missão de levar consigo, na sua lenta expansão demográfica, a civilização e a cultura europeia ao extremo norte e ao oeste.

Este fato já está em via de realização no Pará e Amazonas, para onde se tem encaminhado forte corrente emigratória dos estados vizinhos, Ceará, Piauí e Maranhão.

Daí há de provir naturalmente uma integração mais vasta do elemento indígena naquela população mestiça, graças à facilidade maior, denunciada pelo Cons. Araripe, do cruzamento entre índios e os mulatos e pardos.

Não sei se disso nos provirá algum bem. Em todo o caso, não convêm esquecer a observação do Dr. Sylvio Romero, de que as nações americanas menos progressistas são exatamente aquelas em que não predominou o elemento europeu, e que, a julgar pela descrição do Sr. José Veríssimo, é bem pouco promissor o futuro do cruzamento indígena na Amazônia.

Prevejo que se possam arguir duas principais objeções à divisão etimológica do Brasil, que adotei e expus nesta conferência. Primeiro, que mesmo nas zonas descritas não existe uniformidade étnica; segundo, que seja esse apenas o aspecto atual, e todo de ocasião, do país, sem probabilidades de uma confirmação futura.

Não posso, nem me proponho a contestar em absoluto uma e outra objeção, pois que elas em nada prejudicam as conclusões que pretendo tirar da divisão exposta.

Todavia, em relação à primeira, farei notar que devia ser assim mesmo, pois o que eu pretendo é que nas suas linhas gerais, nos seus grandes traços, essas divisões regionais, como composição étnica, opõem-se umas às outras e parecem dispor de elementos que no futuro mais afirmem e acentuem a sua distinção. Daí não se deveria concluir que não possa existir, aqui na Bahia, por exemplo, uma vila, Olivença, que, pelo predomínio da população indígena, poderia bem figurar ao lado de qualquer vila paraense.

III. Quanto à segunda, posso redarguir que a mais poderosa de todas as garantias dessa futura distinção está principalmente na conformação física geral do país e na sua climatologia.

Prefiro tomar aos diversos trabalhos do Dr. Sylvio Romero, manifestamente infenso ao meu modo de sentir, os dados em que o fundamento.

O corpo do Brasil, diz este ilustre escritor (*História da literatura*, etc.), forma uma espécie de vasto triângulo irregular, compreendendo zonas diversas, com duas grandes bacias hidrográficas: a do Amazonas e a do Paraná, com inúmeros afluentes, que, com outras bacias secundárias, cortam o país de norte a sul, ou de oeste a leste. A zona quente admite uma divisão geral: a) as terras mais ou menos pantanosas das costas, as do grande vale do Amazonas e do Paraguai, onde reinam as moléstias hepáticas e as febres palustres; b) a região sertaneja, compreendendo todo o interior norte do país, o teatro das secas. A região fresca também sofre uma divisão: 1) as três províncias meridionais, onde vagueia o *minuano* frio e ríspido; 2) as terras altas das províncias intermédias, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas, região que não tem o calor e a uberdade do norte, nem a esterilidade relativa dos terrenos do extremo sul.

É fácil um cotejo demonstrativo das relações que guardam entre si as divisões regionais que estabeleci, do ponto de vista étnico, e as que resultam desta descrição física do Brasil. Mais de acordo, porém, está porventura a divisão climatológica.

O Brasil oferece nada menos de duas zonas climáticas diferentes – a quente que se estende da sua fronteira norte até o trópico de Capricórnio, e a fresca que compreende as terras ao sul do trópico, a que se podem ligar os terrenos altos das províncias imediatamente próximas. É um erro grosseiro confundir cousas tão distintas. É certo que a maior parte do país, o verdadeiro Brasil, está contido na zona tórrida, que encerra quase todas as terras baixas do litoral, de um clima quente e úmido, e as altas dos sertões do norte, de clima quente e seco, desde a fronteira septentrional até a província de São Paulo. Uma parte desta última, e as três províncias meridionais – Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul – ficam além do trópico e gozam de clima suave. Sabe-se que a Serra do Mar nestas últimas regiões aproxima-se do litoral, oferecendo para o interior uma vasta lombada de terras altas de um clima quase europeu. Além disto, as terras elevadas dos platôs do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas, se não tem

a frescura das regiões meridionais, não se podem confundir com as terras quentes do centro e do litoral do norte. Constituem um clima temperado e ameno.

O Sr. Araripe Junior já em tempo sustentou a existência de uma diversidade étnica nas antigas províncias do império. Aqui, porém, nem a questão é encarada pelo mesmo prisma, nem resolvida pelo mesmo modo.